

O sonho do País é a abertura da economia

PAULO DUARTE

"Our nation has always dreaded sending her sons to fight violent battles in foreign wars..."

... and if we fight in anger, it is because we have to fight at all".

Semanas atrás em Nova York, durante cerimônia religiosa pelos 400 soldados americanos mortos no conflito do Golfo, foi lido um comentário do presidente George Bush, quando tomou a difícil decisão de enviar jovens americanos para lutar na guerra; se não me falha a memória, eis parte desta reflexão, acima transcrita (tradução livre):

"Nossa nação sempre temeu enviar seus filhos para lutar batalhas violentas em guerras estrangeiras..."

... e se lutamos com fúria, é porque somos obrigados a lutar".

Mesmo considerando os erros de administrações passadas (Vietnã, por exemplo), é difícil para nós brasileiros, povo abençoado com paz duradoura, entender o que representa para uma nação — família, amigos — a dor de enviar seus jovens para uma guerra da qual muitos não voltarão — ou voltarão mutilados.

Contudo nossa guerra, apesar de uma natureza e expressão distintas, não só existe mas é tão difícil e importante para o Brasil quanto um conflito armado: é a guerra do atra-

so, da escuridão em suas mais variadas formas — ignorância, miséria e desinformação incluídas — contra o século 21, esta incrível era de avanços tecnológicos e integração mundial; e, à medida que nos aproximamos do final deste século, uma nova geração de brasileiros, nós que temos entre 20 e 40 anos, olhamos em nossa volta, olhamos para os mais velhos — os atuais líderes — e nos perguntamos: Afinal o que os senhores — políticos hábeis, empresários experientes — estão deixando como legado para o Brasil? Queremos, simplesmente, que não evitem o inevitável: O Brasil deve (e vai) abrir sua economia para o mundo.

Sim, senhores líderes, nós temos um sonho: Um sonho que o Brasil possa, ao abrir sua economia, não apenas reconhecer seu potencial pleno mas — igualmente importante — ter a humildade e a sabedoria para abandonar fantasias imediatistas — idéias tão atraentes quanto ineficientes — permitindo, assim, concentrar nossos recursos em soluções mais realistas para os problemas brasileiros. Afinal, como os senhores sabem, funcionários ignorantes e mal nutridos não podem competir contra os supernutridos e instruídos funcionários coreanos, europeus ou americanos — a não ser, naturalmente, que os senhores mantenham

sus políticas de reserva de mercado e protecionistas para o Brasil.

Não nos iludamos, estamos em guerra. Mas venceremos. Nossos adversários? Escutemos, observemos: O que, aparentemente, parece benéfico para o País e para nossa economia, pode muito bem ser um agente do atraso; por outro lado, atividades aceitas como "lugar comum" em nosso país podem representar ótimas soluções de curto prazo — e de rápido retorno; exemplos? Reservas de mercado — ou sua sócia, o protecionismo — e pirataria intelectual, embora não pareçam, são péssimos negócios para o Brasil, enquanto a agroindústria e o turismo, se levados a sério, podem contrariar — ou até reverter — toda a caótica realidade econômica no Norte e Nordeste; isto sem mencionar que a agropecuária transforma nosso Centro-Oeste, rapidamente, numa das regiões mais prósperas do País.

Sim, nós temos um sonho; e por este sonho lutemos, cada um a sua maneira, com dedicação. Devemos isto não apenas à nossa auto-estima mas, principalmente, ao futuro de nossos filhos.

□ **Paulo René Lins Duarte** é economista pela Georgia State University (Atlanta-EUA)